

# “UMA DOR QUE NUNCA VAI PASSAR”: CONSIDERAÇÕES SOBRE O LUTO PANDÊMICO<sup>1</sup>

Maria Eduarda Dominico Borges<sup>2</sup>  
Debora Rickli Fiuza<sup>3</sup>

## RESUMO

O cenário inesperado e devastador instaurado na sociedade contemporânea pelo surgimento da pandemia da COVID-19 que resultou em diversas questões políticas, econômicas e sociais no âmbito coletivo e particular. Diante dessa situação, as organizações de saúde e pesquisadores procuraram compreender as causas do seu surgimento, os modos de transmissão e os reflexos sociais e psicológicos. Neste sentido, a presente pesquisa busca compreender a forma como os sujeitos elaboraram o processo de luto frente as mortes causadas pela COVID-19. O estudo foi fundamentado em uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, sendo como metodologia adotada a realização de entrevistas semiestruturadas com sujeitos que vivenciaram a perda de um ente querido pelo novo coronavírus. Enfatizamos que os enlutados perpassaram por perdas reais e simbólicas relacionadas ao processo do morrer, onde se identifica o rompimento afetivo e a ausência dos rituais fúnebres, ainda que abordado sobre os cuidados utilizados para a saúde mental, como o auxílio de um profissional e/ou por estratégias de enfrentamento. Consideramos que os participantes se distanciam frente a relação com o ente querido, entretanto se aproximam em relação seus sentimentos e reflexões durante o processo do luto, sendo os relatos dos entrevistados contribuíram para discussões sobre morte e luto pela COVID-19.

**Palavras-chave:** Luto. COVID-19. Tanatologia.

## ABSTRACT

The unexpected and devastating scenario created in contemporary society by the emergence of the COVID-19 pandemic has resulted in a number of political, economic and social issues at the collective and private levels. Faced with this situation, health organizations and researchers have sought to understand the causes of its emergence, the modes of transmission and the social and psychological repercussions. In this sense, this research seeks to analyze how the subjects elaborate the mourning process in the face of deaths caused by COVID-19. The study was based on field research with a qualitative approach, and the methodology adopted was semi-structured interviews with subjects who experienced the loss of a loved one to the new coronavirus. We emphasize that the bereaved have experienced real and symbolic losses related to the process of dying, where the affective rupture and the absence of funeral rituals are identified, although they have addressed the care used for mental health, such as the help of a professional and/or coping strategies. It considers that the participants distance themselves from the relationship with their loved one, but come closer in relation to their feelings and reflections during the

---

<sup>1</sup> O título da pesquisa foi inspirado em uma fala de uma participante durante as entrevistas.

<sup>2</sup> Acadêmica de psicologia. 10 período. Centro Universitário Campo Real. E-mail: psi-mariaborges@camporeal.edu.br.

<sup>3</sup> Professora no Centro Universitário Campo Real. Psicóloga. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário - UNICENTRO.

grieving process, and the interviewees' reports contributed to discussions on death and mourning by COVID-19.

**Keywords:** Mourning. COVID-19. Thanatology.

## 1. INTRODUÇÃO

O contexto pandêmico da COVID-19 afetou toda a população mundialmente em diferentes aspectos, tais como questões políticas, econômicas e sociais e outras, provocando mudanças significativas, as quais necessitaram de reorganização diante do ambiente atípico que se estabeleceu em todas as nações, ainda que trazendo um intenso sofrimento psíquico oriundo da perda de ente queridos. A doença foi responsável por inúmeras mortes notificadas pelos recursos midiáticos. Essas perdas foram tanto de ordem simbólicas e/ou reais e são vivenciadas pelos sujeitos de diferentes formas (Pereira; Sobral; Silva, 2021).

Neste sentido, a sociedade contemporânea ocidental que ignorava e silenciava o processo de morte e seus decorrentes como “[...] assunto socialmente evitado e politicamente incorreto” (Moritz, 2005, p. 51) transitou para um ambiente no qual constantemente circulava informações, notícias, juízos axiológicos a respeito da morte e do luto. Diante desse contexto, o referido estudo manifesta a relevância social ao ofertar um espaço de escuta qualificada e acolhimento humanizado para os enlutados que carregam dores causadas pela COVID-19. Além disso, por trazer a morte como um assunto que deve permear todos os âmbitos, esse estudo favorece o pensar sobre a finitude e suas consequências como um processo natural facilitando a elaboração do luto (Carvalho; Souza, 2020, p. 31).

Ademais, as reflexões aqui apontadas contribuem com a comunidade científica à medida que amplia o olhar e as discussões sobre essa temática que demanda ser focalizada com mais adensamento devido a proporção de interferência na dimensão da vida humana. Pertinente ao campo da Psicologia, esse tema está relacionado à tanatologia e por tratar das perdas de COVID-19 contribui no estabelecimento da correlação entre teoria e prática no auxílio ao enfrentamento desse momento. A partir das pesquisas relacionadas à tanatologia contextualizando ao cenário pandêmico e as reflexões trazidas por diferentes autores sobre o processo do luto, elencamos como pergunta norteadora deste estudo: De que forma as mortes causadas pela COVID-19 interferem na subjetividade dos enlutados?

Por meio desse questionamento perpassa o objetivo geral dessa pesquisa que buscava compreender a forma como os sujeitos elaboraram o processo de luto frente as mortes causadas pela COVID-19. Esse objetivo geral se desdobrou em três objetivos específicos: apresentar o

embasamento teórico que discute a morte na sociedade contemporânea afetada pela COVID-19; evidenciar as dificuldades encontradas frente ao luto pandêmico; e identificar as questões psicossociais que afetaram os sujeitos diante do processo de luto.

## **2. METODOLOGIA**

A presente pesquisa de abordagem qualitativa, caracterizada de modo exploratório por meio de dois procedimentos: formulário e entrevistas semiestruturadas com sujeitos enlutados por consequência da pandemia da COVID-19. Foi desenvolvida em ambiente virtual no período de maio a junho de 2023. Devido aos limites dessa investigação, bem como ao modo de análise pautado no diálogo e na escuta sensível foi delimitado ao número de dez participantes. Como critérios de inclusão se considerou: os sujeitos acima de dezoito anos que vivenciaram a perda de um ente querido pela COVID-19 e em condições confortáveis para possibilitar abertura de questões relacionadas ao luto. Os critérios de exclusão se apresentam como os enlutados que não aceitarem a participar e se negar assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A seleção dos participantes se deu primeiramente por meio da divulgação em redes sociais de um formulário online pela plataforma “*Google Forms*”, no qual se apresentava explicações a respeito da pesquisa, como objetivos, métodos utilizados e nome das pesquisadoras. Aos participantes solicitava-se idade, telefone e e-mail. Enfatizado que as informações pedidas foram usadas para evidenciar o intuito do estudo e buscar outros meios para contato direto entre os sujeitos participantes, não se incluindo para análise. Ressaltado também que a disponibilidade das pesquisadoras para futuras dúvidas.

Posteriormente foram marcadas as entrevistas realizadas individualmente por meio da plataforma online “*Google Meet*”. Durante a realização das mesmas foi procurado assegurar o sigilo e orientamos os participantes para que escolhessem um lugar acessível para a nossa conversa evitando as interferências externas. Também foi recordado sobre a gravação de voz explícita no TCLE com o objetivo de auxiliar na transcrição dos dados.

Durante as entrevistas tivemos a preocupação de entender como se encontrava o sujeito envolvido em relação aos seus sentimentos e pensamentos. Após a finalidade desse cuidado, iniciávamos a conversa com temas motivadores correlatos com o intuito de ofertar o conforto e o acolhimento para o indivíduo. Ao percebermos que o sujeito estava confortável com a conversa partíamos para a realização de questões relacionadas ao foco central desse trabalho. Esse momento finalizava-se com a oferta de uma escuta atenciosa.

O roteiro das entrevistas foi composto por sete perguntas: “Como foi/está sendo o processo do luto para você?”; “Quais perdas simbólicas vieram acompanhadas?”; “Quais dificuldades encontradas ao vivenciar um processo de luto pandêmico?”; “Quais reflexões foram proporcionadas com a perda?”; “As questões psicológicas e o sofrimento psíquico diante da perda de um ente querido, foi validada e cuidada?”; “Você possui uma rede de apoio que lhe auxiliou de alguma forma nesse período?”; “Você teve alguns recursos ou estratégias de enfrentamento? Quais?”.

Após a efetivação das entrevistas, realizamos a transcrição dos dados obtidos na íntegra. Em seguida, fizemos a leitura das falas dos participantes e construímos uma tabulação de dados que se organizou nas seguintes categorias, tais como: o rompimento do laço afetivo e as perdas secundárias; a ausência dos rituais fúnebres; os sentimentos e reflexões vivenciadas ao luto; e a relação da saúde mental e da perda, os quais se enquadram como vivências dos lutos simbólicos e concretos. A análise de dados buscou compreender o sujeito de forma integral e por uma perspectiva subjetiva.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Campo Real, respeitando assim as questões éticas envolvidas e descritas nas resoluções em vigor. Incluídas apenas as pessoas que aceitarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) consentindo a sua participação totalmente voluntária e tomando conhecimento acerca de seus direitos. Para resguardar do anonimato dos participantes, ao decorrer do texto foram identificados como “Entrevista 1” e consecutivamente.

Ressalta-se que a tessitura do texto não segue uma estrutura convencional, pois trazemos a análise dos dados a partir da segunda seção. Justifica essa escolha, por se tratar de uma temática que causou grande comoção e impacto na humanidade, nesse sentido é de extrema importância acolher as falas dos participantes. Como forma didática, nosso texto está organizado em três tópicos. Em um primeiro momento se contextualiza a pandemia da Covid-19 no Brasil apontando dados relacionadas à doença e críticas acerca do manejo de como administraram a saúde no país. Seguido, trazemos um olhar sensível para o rompimento do laço afetivo e quais perdas simbólicas foram presentes ao luto pandêmico, destacando a ausência dos rituais fúnebres. Arremetamos nossa discussão sobre os sentimentos e reflexões deste momento, principalmente de que forma se acarretou para a saúde mental dos enlutados.

### **3. O CENÁRIO DA PANDEMIA DA COVID-19**

O cenário inesperado e devastador instaurado na contemporaneidade através do surgimento do novo coronavírus conceituado em seu termo técnico SARS-CoV 2, que se origina a COVID-19, caracterizada como uma doença respiratória de alta gravidade, apresentando sintomas como a tosse, dor de garganta, coriza, em alguns casos a dificuldade respiratória e entre outros (Brasil, 2021a, s.p., 2021b, s.p.).

Oriunda no final de 2019 na cidade da Wuhan, localizada na China, a primeira pessoa que havia contraído uma nova cepa era desconhecida pelos cientistas. Esse contágio marcou o começo de um momento que acarretou diferentes dificuldades de ordem coletiva ou privada em escala global, ainda que trazendo um alto nível de mortalidade.

No início do ano seguinte, como havia um crescente números de casos e óbitos confirmados em diversas populações asiáticas é instituído pela sexta vez a Emergência de Saúde Pública Internacional pela Organização Mundial de Saúde (OMS) alertando os países sobre o risco do vírus responsabilizando cada local que deveria procurar estratégias de combate à doença. Neste sentido, a COVID-19 não se restringe somente as fronteiras asiáticas, sendo espalhada ao restante dos continentes, dessa forma chegou ao território brasileiro tendo o primeiro caso confirmado no final de fevereiro. O sujeito infectado tratava-se de um homem de sessenta e um anos, ainda que havia outros indivíduos considerados como suspeitos a esse mesmo diagnóstico (Brasil, 2020a, s.p.).

O cenário mundial se encontrava de modo atípico em relação as gradativas confirmações do vírus e suas alterações geradas no ambiente é definido como uma pandemia durante o discurso do diretor-geral da OMS, Tedros Ghebreyesus (OPAS/OMS, 2020, s.p.), complementa que “Se os países detectam, testam, tratam, isolam, rastreiam e mobilizam sua população na resposta, aqueles com um punhado de casos podem impedir que esses casos se tornem clusters (aglomerados de casos) e esses clusters se tornem transmissão comunitária.”, sendo urgente a necessidade de adotar medidas de biossegurança com intuito de proteger e desacelerar a propagação do vírus, tais como o distanciamento social, o uso de máscaras, higiene das mãos e entre outras práticas.

As organizações de saúde e pesquisadores procuravam compreender as causas do seu surgimento, os modos de transmissão e os reflexos sociais e psicológicos. O Conselho Nacional de Saúde (CNS) trouxe, instância interligada ao Sistema Único de Saúde (SUS), orientações por meio de uma carta aberta para as autoridades brasileiras realizarem frente a Covid-19, garantindo o zelo pela população, buscando por estratégias de questões econômicas, políticas, sanitárias, sociais e outras. Em contrapartida, a essas medidas, o governo que atuava no momento, tratava essa grave doença como uma “gripezinha” optando em priorizar a economia

e contrariar o isolamento social como forma preventiva. Através de uma carta aberta o Conselho Nacional de Saúde problematiza:

Atender a pauta econômica, sobrepondo a necessidade de zelar pela vida dos cidadãos e cidadãs, não é uma estratégia segura nem coerente neste momento. Capital se ganha, se perde e se recupera novamente, mas vidas perdidas não podem ser recuperadas. (Brasil, 2020b, p. 2)

Essa postura do então chefe do Estado revela uma preocupação demasiada com as questões econômicas em detrimento da valorização e preservação da vida humana. Ademais, anunciam também atitudes que minimizaram o sofrimento dos brasileiros, tal como afirma Mota e Ginach (2021, p. 9) “O Presidente dá primazia para o lucro e ignora o outro e sua dor, que são silenciados, censurados”. Houve, portanto um negacionismo que além de desconsiderar a dor dos sujeitos abalados fisicamente e psicologicamente por essa doença e perda de familiares, não adotou medidas necessárias em tempo hábil, como por exemplo, a aquisição de vacinas, colaborando, desse modo com o agravamento da situação.

Outro aspecto também relevante trata-se da redução do orçamento destinado a saúde, principalmente após a aprovação da Emenda Constitucional nº 95/2016 que congelou os recursos do SUS por vinte anos (Brasil, 2016, s.p.), este fator dificultou a gestão e a oferta de cuidado na prevenção, promoção e recuperação dos pacientes frente a COVID-19. Destaca-se também, que a CNS publicou uma nota a pedido da revogação desse documento aos três poderes, entretanto foi uma tentativa sem sucesso (Brasil, 2020c, s.p.). Esse fato evidenciou uma sobrecarga nos hospitais das redes públicas e privadas com a alta demanda e ausência em sua estrutura para abranger toda essa demanda.

Diante dessa dimensão, os canais midiáticos relatavam diariamente os casos de infecções e as mortes confirmados por meio dos dados coletados pelos estados e municípios brasileiros. Publicado pelo Observatório Covid-19, na última semana de 2020, em nove meses da doença inserida no país apresenta-se 40 mil casos e 600 mortes por dia (Freitas *et al.*, 2021, p. 58). No início de 2021, os casos e óbitos continuavam alarmantes e de forma crescente no país como analisado pelo Boletim Epidemiológico Especial, em que os registros dentre uma semana foi um aumento de 15% (Brasil, 2021c, p. 7).

Em contrapartida, os pesquisadores buscavam tratamento, medicações e a fabricação de vacinas eficazes com intuito da diminuição da alta transmissão do vírus, assim possibilitando que os sujeitos se reorganizassem em suas vidas em um mundo diferente, o pós-pandêmico. No Brasil, a vacinação foi aprovada através da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa,

onde se realizou a aplicação da primeira dose em 17 de janeiro de 2021, sendo uma enfermeira, que atuou na linha de frente da COVID-19. Posteriormente, foi se descentralizando dos grandes centros urbanos e distribuídas para todos os territórios brasileiros, sendo organizado em grupos atendendo primeiramente as pessoas que possuíam alguma comorbidade e os idosos. Posteriormente estendendo-se ao restante da população.

À medida que a vacina avançava observamos a diminuição dos casos de COVID-19. Furtado *et al.* (2023, p. 5820) ressalta que o imunizante reduz o contágio evitando a mortalidade principalmente dos grupos mais vulneráveis. Portela, Reis e Lima (2022, p. 32) também contribuem mencionando que as estatísticas mostram a queda de casos e mortalidades de uma população vacinada, mesmo que de forma gradual durante o ano de 2021.

#### **4. O ROMPIMENTO DO LAÇO AFETIVO E AS PERDAS SIMBÓLICAS**

“Oh, pedaço de mim  
Oh, metade amputada de mim  
Leva o que há de ti  
Que a saudade dói latejada  
É assim como uma fígada  
No membro que já perdi”  
(Chico Buarque, 1979)

Poeticamente Buarque (1979, s.p.) retrata sobre as dores que ressoam pelas perdas que estabeleciam vínculos afetivos. Fazemos um paralelo às palavras do músico com a vivência do luto. O processo de enlutamento é considerado um movimento subjetivo que ocorre após a perda de uma pessoa, animal ou objeto, com os quais se estabelecia um vínculo significativo. Além disso, destaca-se que não se restringe aos rompimentos de maneira física, também sendo caracterizado como simbólicas, por exemplo, os terminos de relacionamentos, a separação dos pais, a saída de um emprego, dentre outros, os quais favorecem sentidos aos sujeitos (Kovács, 2010, p. 163).

Desenvolvida por John Bowlby (2015, p. 120), a teoria do apego contribui que os vínculos são estabelecidos e fortalecidos desde o nascimento, sendo primeiramente a relação entre mãe e seu filho e ampliada em outros âmbitos, visto que possuem como uma necessidade para sobrevivência relacionar-se com os outros. Ainsworth (2015 *apud* Franco, 2021, p. 52) colabora nessa linha teórica com a fundamentação sobre os estilos de apegos definindo a formação, a manutenção e o rompimento dos laços afetivos se distinguem como: seguro; inseguro ansioso ou ambivalente; inseguro evitativo.

Ainda que esse processo seja representado pelos padrões de apegos, os sujeitos perpassam a dor da perda por múltiplas vivências e emoções, sendo assim, Worden (2013, p. 24) afirma que “[...] é quase impossível perder alguém, com quem se tem forte vínculo, sem sofrer em algum nível”. Durante a entrevista, os participantes da nossa pesquisa também relataram sobre os seus sofrimentos elencando a ruptura da relação com o ente querido como a principal perda.

*A maior perda foi a alegria, estar todo mundo junto, e isso a gente sabe não volta. Acho que foi a pior parte (Entrevista 3).*

*E saber quando um dia eu casar, ter meus filhos, saber que em outros momentos importantes para mim que ele não estar ali, ou seja, de algo ruim que venha acontecer também na minha vida, não ter ele ali para dar o suporte, que ele sempre dava (Entrevista 7).*

Kovács (2010, p. 150) discute que a morte é um evento irreversível, como apresentado nas falas acima, onde há uma interrupção do afeto demonstrado, das coletâneas de momentos a serem vivenciados e os sentimentos que seriam proporcionados pelo outro, dessa forma, sendo a única forma de guardar a pessoa amada através de memórias ou retratos audiovisuais.

*Continuará sendo socorrido, acolhido, compreendido. Experimentará uma lucidez dentro da dor que jamais conheceu antes. Quando uma pessoa importante vai embora, não é o fim, é apenas o momento de se acostumar a amar de um novo jeito. Não é uma ruptura, é a manifestação mais contundente de uma ligação atemporal (Carpinejar, 2021, p. 31-32)*

Como descrito nas palavras do autor, não se trata de um ponto final, mas a adaptação desse momento. Worden (2013, p. 28) corrobora ao afirmar que o trabalho do luto é dividido em quatro tarefas que os enlutados decorrem durante esse processo com a finalidade de uma adaptação à perda, sendo respectivamente: “Aceitar a realidade da perda”; “Processar a dor do luto”; “Ajustar-se a um mundo sem a pessoa morta”; “Encontrar conexão duradoura com a pessoa morta em meio ao início de uma nova vida”. Dentre as tarefas mencionadas, tomamos como pauta a quarta tarefa, ou também sendo designado por outros pesquisadores como vínculos contínuos. Esses são considerados como maneiras de manter essa relação, mesmo após a morte, e auxilia no processo de ressignificação, entretanto é ressaltado a importância da aceitação frente à morte para realização desta tarefa (Franco, 2021, p. 77; Worden, 2013, p. 29).

Após o morrer, os enlutados necessitam lidar com as alterações acarretadas desta situação ou também denominadas como perdas secundárias e/ou simbólicas, tais como papéis desempenhados pelo outro, os projetos a serem realizados com a companhia desta pessoa, a

perda de sentido da vida, questões financeiras e diversas outras (Worden, 2013, p. 49). Evidencia-se essa última, a qual foi comentada pelos participantes durante as entrevistas, sendo em alguns casos que se dividia os gastos ou era o provedor da casa.

*Ter a perda financeira por parte da família dele, que ele era o único que estava trabalhando no momento. Na época, nós enquanto família, a gente se uniu para auxiliar nesse momento, que eles mais precisaram financeiramente (Entrevista 1).*

*A parte financeira bastante, porque a gente dividia as contas da casa, sempre tinha alguma coisa a mais que ele pagava, mas, tipo assim, nós 'dividia', eram coisas assim que ficou bastante pesado depois (Entrevista 4).*

Dessa forma, se considerando como estressores psicossociais que os enlutados lidam durante o processo de luto (Worden, 2013, p. 49). Outro pesar citado, é considerada a ausência de segurança em relação a morte, pois como era frequente as oscilações do quadro clínico de COVID-19, apresenta-se aspectos de uma morte inesperada. O relato a seguir evidencia essa situação:

*[...] eu acho que você está ali trabalhando com isso que um dia ela vai faltar. Meu pai não pegava nem gripe, então a gente nunca esperou ele faltar, entendeu? Então, é isso que hoje a gente tem medo de tudo, medo da hora de sair de casa até a hora que vai voltar. Eu acho que foi isso, assim, uma das coisas que foi embora foi a segurança (Entrevista 8).*

A morte perpassa a todos os sujeitos, entretanto, em muitas vezes, não há essa consciência sobre esse tema. Quando há o encontro do sujeito com o real de forma abrupta, caracteriza-se inúmeros impactos e as consequências posteriores podem ser mais intensificadas, principalmente nas demandas psicológicas (Carnaúba; Pelizzari; Cunha, 2016, p. 49).

Além da morte inesperada, outra dificuldade encontrada pelas famílias foi a ausência de rituais fúnebres, pois para evitar a transmissão do vírus para a população geral foram adotadas medidas de biosseguranças publicadas pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2020d, s.p.), tanto para os profissionais de saúde, agentes funerários e familiares. As recomendações eram as seguintes: o caixão fechado; a realização de velórios e funerais foram vedados; nos enterros era permitido um número reduzido de pessoas, dentre outras práticas.

Em todo contexto histórico da humanidade nota-se a importância das últimas despedidas e os rituais fúnebres, os quais contribuem para a elaboração do luto. Como afirmado por Bromberg (2018, p. 99) “[...] culturalmente criados, socialmente aplicados e individualmente benéficos, têm os efeitos apontados quanto à possibilidade de recomposição diante da perda por morte”. Franco (2021, p. 17) também contribui discorrendo sobre o morrer durante a chegada

de diferentes povos no Brasil, onde compreendiam este processo de forma singular, principalmente a realização dos rituais.

Entretanto, foi impossibilitado para os enlutados, por consequência do coronavírus, esse momento de expressar seus sentimentos, vivenciar a dor da perda e conceder a última despedida para a pessoa amada (Praxedes *et al.*, 2021, p. 65710- 65711). Os participantes relatam que a ausência dos rituais é vista como uma das principais dificuldades deste luto.

*Então, isso dói muito, do fato deles ter sido enterrado praticamente como um bicho, porque o caixão lacrado e eles dentro de um saco preto, completamente fechado, ninguém podendo chegar perto, sem ter como uma despedida decente, sem ter as pessoas que amavam eles presentes (Entrevista 2).*

*Não ter toda aquela despedida, simplesmente chegar o caixão e ser enterrado, eu acho que faz com que seja muito desumano, por mais que, é preciso daquele momento de despedida, da família (Entrevista 5).*

Os relatos evidenciam que a concretude da morte é visível que o outro se foi, mesmo que gerando inúmeros sentimentos, é possível elaborar esse acontecimento através do que seus sentidos armazenaram. A representação do “[...] simbolismo invocados pelo corpo, que pode ser tocado, lavado, vestido e contemplado uma última vez” (Lopes, 2023, p. 59), a qual possui demasiada importância.

Nos casos positivados de SARS-CoV 2 era comum o sujeito buscar por vontade própria ou por encaminhamentos a uma instituição de saúde para maiores cuidados correlacionados ao seu mal-estar fazendo necessário a internação e o isolamento social. Essa ausência de pessoas próximas impossibilitava que os pacientes recebessem assistência emocional, também não permitia que os familiares pudessem proporcionar as últimas despedidas gerando algum grau de sofrimento. Destaca-se também, como era impraticável o conforto emocional dos familiares ou amigos nessas situações, os quais possuíam uma proximidade com aquele ente querido ou não, mas é buscado acolher essa dor (Robles-Lessa *et al.*, 2020, p. 287).

Durante a pesquisa analisa-se frequentes comentários pela falta dessas cerimônias e a dificuldade a compreender que o outro partiu. As falas a seguir retratam a dor sentidas:

*Para nós, fomos aceitar que mesmo que ele morreu, foi assim uns cinco/seis meses depois, porque até então, tocava o telefone, a gente ia correr atender para dizer que “Ah foi um erro médico, não era ele que morreu”. Parava o carro na frente da casa, a gente saía correndo para ver se não era ele que estava chegando (Entrevista 1).*

*Eu sonhava que [...] passava um tempo e a pessoa vinha e ligava, que dizia assim “ah, a gente confundiu, a gente te deu uma outra pessoa, vocês enterraram outra pessoa e ela está aqui”, como se fosse uma pessoa sem identificação e a gente ia*

*buscar ela no hospital. Isso, para mim, foi uma dificuldade muito grande, que eu acho que só quem passou por esse luto (Entrevista 6).*

Pela fala dos entrevistados, compreendemos que essas frases se enquadram na reação de negação. Essa atitude frente a morte é designada a não aceitar a morte e criar mecanismos psíquicos de fuga dessa realidade dolorosa. Não aceitar que o outro se foi, porque lhe foram entregues caixões fechados, não se tinha evidências que seu ente querido se encontrava nesse local, onde se constrói espaço de uma falsa esperança e transparece dificuldades ao enfrentar esse processo de luto.

Dessa forma, percebe-se que partir de funerais há uma organização referente a elaboração do luto. Em contrapartida, devido a essa limitação de despedida, as pessoas foram encontrando outras formas de prestar homenagem e despedidas de seus mortos. No contexto pandêmico, se apresentou como um meio muito recorrente rituais de maneira *online*, utilizando as redes sociais com a publicação de vídeos, fotos e textos e outras (Franco, 2021, p. 89; Giamattey *et al.*, 2021, p. 3). A importância desses mecanismos, mesmo que se difere do antigo padrão, foi fundamental para que o luto fosse uma experiência vivida em sua totalidade, inclusive, a expressão dos sentimentos.

## **5. TECENDO APONTAMENTOS ACERCA DO SOFRIMENTO PANDÊMICO**

O processo do luto é marcado por aspectos de ordem socioculturais, pois ao longo dos períodos históricos mudanças acerca das representações do morrer foram acontecendo. A partir do século XX compreende a morte no ocidente como interdita, sendo um evento olhado como uma vergonha e/ou fracasso (Ariès, 2017, p. 84). Esse fato ainda se estende até os dias atuais. Segundo a pesquisadora e psicóloga Maria Júlia Kovács:

*Há uma supressão da manifestação do luto, a sociedade condena a expressão e a vivência da dor, atribuindo-lhes uma qualidade de fraqueza. Há uma exigência de domínio e controle. A sociedade capitalista, centrada na produção, não suporta ver os sinais da morte. Os rituais do nosso tempo clamam pelo ocultamento e disfarce da morte, como se esta não existisse. As crianças devem ser afastadas do seu cenário, como se esta não ocorresse (Kovács, 2010, p. 151).*

Neste sentido, os assuntos relacionados a morte e luto foram silenciados e não reconhecidos pela sociedade por diversos anos. Foi com o surgimento do coronavírus que causou inúmeras fatalidades que essas questões relativas à finitude, a morte, o luto, foram

retomadas e passaram a fazer parte dos discursos de diferentes áreas do conhecimento, assim como a fazer parte do debate diário das pessoas.

Lopes *et al.* (2021, p. 5) comentam:

Podemos dizer que o coronavírus tornou-se um *memento mori* – “lembre-se da morte” –, expressão usada para ocasiões em que a finitude é lembrada, sendo inserida em elementos simbólicos de obras artísticas como caveiras e foices. Esse lembrete pode ser um convite diário para constatação, aceitação e elaboração da nossa mortalidade como condição existencial. Apesar desse descortinar, há ainda uma evitação em torno do tema e que cada pessoa lidará com esse risco de forma subjetiva, podendo ou não transformar sua relação com a finitude a partir de então.

De uma forma sem precedentes, a morte passou a fazer parte da vida das pessoas em um aspecto mais amplo, ou seja, tanto através dos números de falecimentos como no sentimento de luto sentido por essas perdas. Não havia a possibilidade de ignorar, ir a outro caminho, pois “Não são números de mortes. São pessoas, histórias, afetos, memórias sagradas [...]” (Jiménez, 2020, s.p.).

Focaliza-se nas dores sentidas pelos enlutados dois momentos distintos: o primeiro como um fator na qual a relação estabelecida com o outro era subjetiva, e em outro momento o luto coletivo pela questão de pertencimento com a população (Franco, 2021, p. 93). Neste sentido, sobressai a preocupação em relação aos enlutados que vivenciaram a perda de um ente querido no contexto pandêmico gerando diferentes sentimentos e reflexões. Durante a pesquisa presenciamos diferentes relatos de emoções presentes no processo do luto, tais como: tristeza, raiva, culpa, desorganização psíquica e entre outros:

*Parece que a gente vai no automático, né? Tem hora que a gente vai no automático. Vai só levando, faz isso e isso, e vai vivendo, sem muito sentido* (Entrevista 3).

*Sobre sentimentos, eu acho que desamparo, porque foi meu último avô, então eu acho que é um desamparo da infância, aquela nostalgia da infância* (Entrevista 5).

*Então o sentimento que eu tenho é de revolta, acho que as pessoas que morreram não precisavam ter morrido [...]* (Entrevista 6).

Kovács (2010, p. 150) aponta a elaboração do morrer em três aspectos, tais como o sentimento, a pessoa e o tempo, se entendendo que para vivenciar a morte concreta de um sujeito desenvolve sentimentos dos mais variados e não se delineando como um caminho de um ponto que começa e o leva para o fim.

As fases do luto são reproduzidas, tanto nas conversas informais quanto uma discussão de autores, sendo definidas como: negação e isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação. Elisabeth Kübler-Ross (2017, p. 49) atribuiu essas atitudes ao processo de terminalidade de

seus pacientes, sendo inserida no pós-morrer por estudiosos e expandido pelo senso comum. Percebe-se que trata de lugar muito (in)sensível em colocar toda a dimensão do luto em cinco fases e de forma sequencial, pois diante dos sentimentos comentados na entrevista analisa-se que são considerados como um misto de emoções em vários períodos, não sendo lineares (Barcellos; Moreira, 2022, p. 22; Franco, 2021, p. 75-76).

Ressalta-se, ainda, a culpa presente na fala dos enlutados carregada com pensamentos como “*veio aquele sentimento de culpa, tipo, ‘eu não fiz, eu podia ter feito um pouco mais, sabe?’*” (Entrevista 4). Kovács (2010, p. 5) evidencia como essa emoção é comum no sofrimento do público infantil ao enfrentar situações relacionadas à morte, entretanto ocorre nos adultos pela justificativa de ausência dos cuidados necessários, onde é exemplificado no cenário da COVID-19, os quais se sentem responsáveis pelo outro ter partido.

Nos relatos desse estudo se encontram vivências de luto antecipatório, definido como os sentimentos e reflexões que seriam experienciadas após a morte, desde a notícia do diagnóstico, ainda sendo colocado em um patamar que provoca esperança e desespero (Franco, 2021, p. 80).

*Então, por exemplo, a questão do luto, pelo menos pra mim, já estava acontecendo meio que um luto antecipatório ali e ficava naquela angústia de receber notícia todo dia, mesmo se a notícia fosse um pouco mais ruim, mas querendo sempre ter a notícia ali né? E conforme eles foram dando notícias mais negativas sobre, já vinha esse luto antecipatório, mas, mesmo assim, não deixou de ser difícil quando recebi a notícia que realmente ele tinha vindo a falecer (Entrevista 7).*

Em outras enfermidades quando possui um risco de morte ou o paciente encontra-se em terminalidade é configurado como um momento a se preparar emocionalmente e iniciar as despedidas, ainda como Franco (2021, p. 81) afirma “[...] construção de novas possibilidades de se relacionar com a vida e morte, não se esquivando de pensar sobre elas e atribuindo-lhes significado”. Todavia, essa elaboração antecipada não havia possibilidades de ser realizado durante a pandemia, em exceção há alguns casos que foram adaptados virtualmente oferecendo essa oportunidade aos familiares e amigos (Oliveira; Bisconcini; Gutierrez, 2020, p. 509).

Além disso, o luto provoca reflexões frente à perda da pessoa amada, evidenciadas na pesquisa. Os relatos a seguir retratam o pensar sobre a própria finitude:

*Então, eu aprendi agora que a faxina fica pra depois, a roupa pode estar lá no tanque, mas que eu posso atender o telefone se a minha mãe e a minha irmã ‘ta’ me ligando, ou meu irmão, ou um dos meus filhos, porque talvez amanhã eu possa ligar e eles não estar atendendo (Entrevista 8).*

*Então, acho que 'foi' essas reflexões de conseguir perceber quem que realmente eu quero pra minha vida inteira, quem entendeu o momento que eu estava passando (Entrevista 10).*

Frente essas questões notam-se que os sujeitos se aproximam de questões relacionadas ao morrer, pois é a única forma de vivenciar a morte é pela perda do outro, tal como discute Kovács (2010, p. 149) “[...] a possibilidade de experiência da morte que não é a própria, mas é vivida como se uma parte nossa morresse”. Neste sentido, a morte inserida em uma sociedade que ignora um processo natural e não autoriza os enlutados demonstrarem seus sofrimentos acarreta dificuldades para o enfrentamento. Leonardo (2023, p. 143) aponta que tendo essa consciência da terminalidade e sobre o rompimento dos vínculos afetivos torna-se vivências mais saudáveis e ressignificando a perda.

Outro aspecto em destaque mencionado durante as falas dos entrevistados pautava-se na crítica sociopolítica para as autoridades do país que negligenciaram a pandemia da COVID-19, trazendo impactos significativos na vida da população, principalmente a compra das vacinas. A demora gerou um grau de sofrimento, onde imagina-se as possibilidades do diferente, o manejo de outra maneira.

Os participantes da pesquisa trazem apontamentos sobre o processo de enlutamento, analisando que não há como colocar um ponto final na dor e na saudade que o outro deixou.

*[...] a gente aprendeu a ressignificar as coisas e aprendeu a rir nos momentos que a gente teve, a ser feliz com o tempo que ele esteve aqui na terra com a gente. É uma dor que nunca vai passar (Entrevista 1).*

*Sim, eu acredito que o luto não tem um fim, tem dias que está bem, e vem uma saudade e uma dor que não dá para explicar, você só quer chorar e chorar (Entrevista 2).*

*Então, ele tem que ser lembrado mesmo, ele tem que ser amado, as pessoas tem que lembrar dele sorrindo, dele cuidando da gente, então a melhor forma de eu manter ele vivo pra gente é todo mundo sabendo dele, né? (Entrevista 8).*

Não há fim para dor. Dessa forma, os enlutados constroem novos significados frente a perda, se apegam as suas memórias vivenciadas e (re)aprendem como viver sem seus amores concretos (Leonardo, 2023, p. 143).

Frente as questões emocionais e as reflexões do processo do luto enfatizam-se os olhares para a saúde mental, pois compreende que a população brasileira foi atravessada pela pandemia, tanto os trabalhadores que atuavam na linha de frente e os sujeitos que (tentavam) se afastar dessa situação. Dessa forma, nota-se a preocupação em relação aos enlutados vivenciaram esse período diante dos inúmeros sentimentos existentes, além de todo cenário da Covid-19.

Ressalta-se a discussão do enquadramento do luto prologando no Manual de Diagnósticos de Transtornos Mentais (DSM), pois os sintomas são similares ao Transtorno Depressivo Maior. Há diferentes posicionamentos sobre essa temática, onde é publicado versões mais atualizadas acerca do luto pelas instituições. A última alteração, o DSM-5-TR considera o transtorno do luto prolongando como aqueles casos que os sujeitos não se adaptam a perda e continuar suas atividades laborais (APA, 2023, p. 323).

Dessa forma, entende-se as dificuldades ao vivenciar o luto pandêmico, sendo considerado como complicado, principalmente pelo fator da ausência dos rituais fúnebres. Em alguns casos, se acarretou transtornos psicopatológicos ou necessitou de um auxílio do psiquiatra ou psicólogo, e outros, participantes relataram o desejo de iniciar psicoterapia para trabalhar demandas relacionadas ao luto.

*Ansiedade. Eu desenvolvi uma ansiedade generalizada, porque na frente da minha família tinha que me mostrar bem o tempo todo, mas por trás eu não estava bem (Entrevista 1).*

*Eu comecei a desenvolver toc de limpeza, logo que eu perdi ele, era uma maneira. Eu chegava de noite e era uma fuga minha em limpar, porque eram os momentos em que a gente estava junto (Entrevista 4).*

*Eu gostaria de ir atrás de ajuda psicológica, mas eu acabo adiando (Entrevista 10).*

Evidencia a importância do papel dos profissionais da área da saúde mental em ofertar acolhimento, escuta qualificada e recursos que facilitem a elaboração e a ressignificação da morte da pessoa querida (Mello, 2020, p. 16). Além disso, destacando a importância do fortalecimento da rede de apoio, o qual contribuí para o enfrentamento deste processo, onde as dores foram validadas e cuidadas como relatado pelos participantes durante as entrevistas.

Estudiosos acerca desta temática (Franco 2021, p. 114; Gonçalves; Bittar, 2016, p. 43) reconhecem como esse apoio dos familiares e amigos carrega pontos benéficos para o sujeito ao compreender toda a dimensão do morrer e de que modo enfrentar deixando que a vida siga em sua plenitude e ajustando suas vivências.

Os recursos de enfrentamento apontados durante a pesquisa foram: companhia da rede de apoio e dos animais de estimação, apoio espiritual, praticar exercícios físicos, realização de atividades de interesses, tais como cozinhar e ler, e ainda notar que a vida necessita de continuidade.

Buscado compreender sobre as estratégias de enfrentamento, onde é definido como as práticas aplicadas, tanto cognitivas ou comportamentais, que auxiliam a manejar toda a situação vivenciada, neste caso do estudo, o processo do luto (Morero; Bragagnollo; Santos, 2018, p.

2258). As estratégias utilizadas com maior funcionalidade trazem uma melhoria na qualidade de vida dos sujeitos, compreendendo a morte e elaborando o morrer da pessoa amada.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os apontamentos acima, é essencial compreender como o processo do luto pandêmico atravessa a vida dos sujeitos, principalmente pelo contexto sociocultural inserido e as perdas simbólicas, as quais não são reconhecidas e validadas pelas pessoas próximas ou pelos governantes do país. As falas evidenciaram a importância da realização dos rituais fúnebres, pois são essenciais para a elaboração do processo de luto, evitando que se torne um luto complicado, provocando transtornos mentais.

Além disso, é analisado que as histórias dos enlutados se diferem em diversos momentos, principalmente frente a relação estabelecida com a pessoa amada, o modo de entendimento e consciência sobre o morrer e a busca por recursos para o enfrentamento, mas ainda há uma aproximação entre os sentimentos e reflexões vivenciadas por esse rompimento de vínculo significativo, considerado como um luto coletivo.

Mediante essa pesquisa pudemos perceber a relevância em ofertar um espaço de escuta, acolhimento e validação das dores dos participantes, mesmo que de forma breve e focal, onde se sentiram confortáveis para relatar suas histórias, ainda que obtendo devolutivas da importância desse momento.

O estudo presente contribuí com a ampliação do entendimento da temática de morte e luto pela COVID-19, tendo a finalidade de promover a discussão, não apenas no meio acadêmico, mas também em conversas informais e entre outras maneiras de comunicação. Essa é uma forma de superar o tabu imposto a esses assuntos aqui relacionados para que a vida possa prosseguir na sua normalidade.

## 7. REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5- TR. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Noca Fronteira, 2017.

BARCELLOS, L. M.; MOREIRA, M. B. **As cinco fases do luto de Elisabeth Kübler-Ross: fato ou ficção?**. Brasília: Instituto Walden, 2022. Disponível em: <https://www.walden4.com.br/livros/as-cinco-fases-do-luto-de-elisabeth-kbllerross-fato-ou-fico-book-id-28/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

BRASIL. Constituição Federal. **Emenda constitucional nº 95 de 15 de dezembro de 2016**. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. Brasília, 2016. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm). Acesso em: 10 ago. 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde. **Coronavírus**: Brasil confirma primeiro caso da doença. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>. Acesso em: 14 ago. 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Carta aberta**: CNS em defesa da vida, da democracia e do SUS. Brasília, 2020. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1140-carta-aberta-do-conselho-nacional-de-saude-em-defesa-da-vida-da-democracia-e-do-sus>. Acesso em: 15 ago. 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Nota Pública**: CNS reivindica revogação imediata de emenda que retirou verba do SUS, prejudicando enfrentamento ao Coronavírus. Brasília, 2020. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1064-nota-publica-cns-reivindica-revogacao-imediata-de-emenda-que-retirou-verba-do-sus-prejudicando-enfrentamento-ao-coronavirus>. Acesso em: 15 ago. 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Ministério da Saúde publica protocolo com orientações para velórios e enterros**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/03/ministerio-da-saude-publica-protocolo-com-orientacoes-para-velorios-e-enterros>. Acesso em: 02 set. 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **O que é a Covid-19?**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 13 ago. 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Sintomas**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/sintomas>. Acesso em: 13 ago. 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Boletim epidemiológico especial**: Doença pelo coronavírus COVID-19. Brasília, 2021. Disponível em: [https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/covid-19/2021/boletim\\_epidemiologico\\_covid\\_52\\_final2.pdf](https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/covid-19/2021/boletim_epidemiologico_covid_52_final2.pdf). Acesso em 14 ago. 2023.

BROMBERG, M. H. **A Psicoterapia em situações de perdas e luto**. Campinas: Livro Pleno, 2018.

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

BUARQUE, C. **Pedaco de mim**. Boa vista: Phonogram, 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nRNmIumFui8>. Acesso em: 29 ago. 2023.

CARNAÚBA, R. A.; PELIZZARI, C. C. A. S.; CUNHA, S. A. Luto em situações de morte inesperada. **Revista Psique**, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 43-51, 2016. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/psq/article/view/945>. Acesso em: 02 set. 2023.

CARPINEJAR, F. **Depois é nunca**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

CARVALHO, K. S. A.; SOUZA, M. L. **A elaboração do luto pelo ser humano do nascimento a finitude da vida**. Orientadora: Thaline da Cunha Moreira. 2020. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Faculdade de Americana, São Paulo, 2020.

FRANCO, M. H. P. **O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno**. São Paulo: Summus, 2021.

FREITAS, C. M.; BARCELLOS, C.; VILLELA, D. A. M.; MATTA, G. C.; REIS, L. G. C.; PORTELA, M. C.; SALDANHA, R. F.; SILVA, I. V. M. Balanço dos Cenários Epidemiológicos da Pandemia de Covid-19 em 2020. *In*: FREITAS, C. M.; BARCELLOS, C.; VILLELA, D. A. M. (org). **Covid-19 no Brasil: cenários epidemiológicos e vigilância em saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

FURTADO, M. J.; RUIZ, A. C.; PEREIRA, E. R.; CRISPIM, L. F.; ARAÚJO, W. A. F. A pandemia da Covid-19: revisão da literatura. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 9, n.1, p. 5810-5826, 2023. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/56887>. Acesso em 27 ago. 2023.

GIAMATTEY, M. E. P.; FRUTUOSO, J. T.; BELLAGUARDA, M. L. R.; LUNA, I. J. Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/zGDv9BZ6Lc44fxJFBBz8ktC>. Acesso em 04 set. 2023.

GONÇALVES, P. C.; BITTAR, C. M. L. Estratégias de enfrentamento no luto. **Psicologia da Saúde**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 39-44, 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229060212.pdf>. Acesso em: 03 set. 2023.

JIMÉNEZ C. **Cemitério em São Paulo: a foto que jamais gostaríamos de publicar**. El País, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opinion/2020-04-03/cemiterio-em-saopaulo-a-foto-que-jamais-gostaríamos-de-publicar.html>. Acesso em: 20 ago. 2023.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LEONARDO, P. C. S. O papel do psicólogo e as vicissitudes do processo de morte e luto. *In*: GRIGOLETO NETTO, J.V. (org). **Estudos avançados sobre a morte e o morrer: Perspectivas contemporâneas em tanatologia**. Curitiba: Bagai Editora, 2023. Disponível em: <https://editorabagai.com.br/product/estudos-avancados-sobre-a-morte-e-o-morrer-perspectivas-contemporaneas-em-tanatologia/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

LOPES, F. G.; LIMA, M. K. V.; ARRAIS, R. H.; AMARAL, N. D. A dor que não pode calar: reflexões sobre o luto em tempos de Covid-19. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 32, p. 1-13, 2021.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/vwSkrFpx4syBrf3pckBc6WK/>. Acesso em 26 ago. 2023.

LOPES, A. C. N. Covid-19, a morte e o manejo de corpos: impactos para vivos e moribundos no Brasil pandêmico. In: GRIGOLETO NETTO, J.V. (org). **Estudos avançados sobre a morte e o morrer**: Perspectivas contemporâneas em tanatologia. Curitiba: Bagai Editora, 2023. Disponível em: <https://editorabagai.com.br/product/estudos-avancados-sobre-a-morte-e-o-morrer-perspectivas-contemporaneas-em-tanatologia/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

MELLO, R. Luto na pandemia Covid-19. **Pluralidades em Saúde Mental**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 7-17, 2020. Disponível em: <https://www.revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/289>. Acesso em: 03 set. 2023.

MORERO, J. A. P.; BRAGAGNOLLO, G. R.; SANTOS, M. T. S. Estratégias de enfrentamento: uma revisão sistemática sobre instrumentos de avaliação no contexto brasileiro. **Revista Cuidarte**, Bucaramanga, v. 9, n. 2, p. 2257-2268, 2018. Disponível em: <https://revistas.udes.edu.co/cuidarte/article/view/503>. Acesso em: 04 set. 2023.

MORITZ, R. D. Os profissionais de saúde diante da morte e do morrer. **Revista Bioética**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 51-56, 2005. Disponível em: [https://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista\\_bioetica/article/view/107/112](https://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/107/112). Acesso em: 27 jun. 2023.

MOTA, I. O.; GINACH, E. L. Os sentidos do luto na pandemia de Covid-19 no Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 63, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8665222>. Acesso em: 16 ago. 2023.

OLIVEIRA, D. S. A.; BISCONCINI, K. P.; GUTIERREZ, B. A. O. processo de luto diante da pandemia: repercussões frente à Covid-19 no Brasil. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo, v. 23, p. 499–516, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/51591>. Acesso em: 22 ago. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS/OMS). **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. Washington, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: 12 ago. 2023.

PEREIRA, C. V.; SOBRAL, K. R. L.; SILVA, G. H. Os lutos real e simbólico em tempos de pandemia da COVID-19 sob o olhar da psicanálise. **Brazilian Journal of Global Health**, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 33-36, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unisa.br/index.php/saudeglobal/article/view/318>. Acesso em: 19 set. 2023.

PORTELA, M. C.; REIS, L. G. C.; LIMA, S. M. L. **Covid-19**: desafios para a organização e repercussões nos sistemas e serviços de saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2022.

PRAXEDES, K. T. R.; PEREIRA, G. B.; OLIVEIRA, B. F.; OLIVEIRA, F. H. L.; ALENCAR, I. V. M.; RIBEIRO, C. A.; ROLIM NETO, M. L. A saúde mental de pessoas em luto: as perdas diárias em tempos pandêmicos. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 7, p. 65708–65713, 2021. Disponível em:

<https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/32318>. Acesso em: 03 set. 2023.

ROBLES-LESSA, M. M.; CABRAL, H. L. T. B; CRUZ, R. S.; MONTEIRO, J. R.; GUIMARÃES, D. N. Consequências do adeus negado às vítimas da Covid-19. **Revista Transformar**, Itaperuna, v. 14, p. 281-303, 2020. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/398>. Acesso em: 03 set. 2023.

WORDEN, J. W. **Aconselhamento do luto e terapia do luto**: um manual para profissionais da saúde mental. Tradução: Adriana Zilberman, Leticia Bertuzzi, Susie Smidt. São Paulo: Roca, 2013.